



ID: 114680905

17-12-2024



FRANCISCO SIMÕES (*)

O FUTURO DOS AÇORES CONTINUA VAGO

O horror ao vazio é bastante exagerado. A Física demonstra que qualquer espaço será sempre ocupado. A participação no espaço público não é diferente. Se alguma ideologia ou um determinado conjunto de valores fraquejarem, a alternativa não demorará a preencher esse vácuo, melhor ou pior. O espaço público açoriano não está vago. Na verdade, quase todos os espaços e lugares até às mais ínfimas brechas permitidas pelo poder ou certos interesses são disputados, raramente com brilhantismo, demasiadas vezes com animosidade, mas quase sempre com grande ardor. Nisto não haverá qualquer novidade. Já o processo de ocupação e manutenção dos lugares tem vindo a revelar novos esforços. Gostaria de lhe chamar elaboração, mas isso seria excessivo, como bem se perceberá. Desde logo, a disputa pelo espaço

vital (chamemos-lhe mesmo cargo) transformou-se em assalto à opinião escrita e publicada. Multiplicam-se as vozes que, de súbito, têm alguma coisa a dizer, sobretudo depois de décadas de silêncio. Lêem-se os contributos e bem percebemos a razão do mutismo. Desdobram-se esses artigos na repetição, praticamente à letra, do discurso ou dos anúncios feitos pelo líder imediatamente superior, na sessão parlamentar transata. Não se acrescenta uma linha de pensamento próprio ou sequer uma vírgula de discordância. Tudo tão bem urdido, tão bem feitinho e, por isso, tão incipiente. Perdido o espaço vital (sim, o cargo), volta-se ao silêncio do qual nunca se deveria ter saído. Depois há a profusa presença no maior espaço de todos, o virtual. Toda ela segue um código de suprema desinstitucionalização da vida pública. Elaboro um pouco para não ter

de dizer que tudo, na aparência e no conteúdo, é apenas bacoco. Estaríamos bem servidos se fossem as redes sociais usadas para veicular pontos de vista, desaprovação ou até mesmo para ventilar um qualquer sentimento mais bilioso. Afinal, todos somos humanos. Ao invés, é seguida uma programação para diariamente aflagar o ego do chefe maior ou do chefe, mas pouco. O ritual é acompanhado de elogios mútuos, nas caixas de comentário, entre aqueles que estão no mesmo nível da cadeia alimentar, e de profusos @seguidores e @destacar como se alguém quisesse seguir ou tivesse interesse em semelhantes destaques. Haverá exceções a este modo de proceder? Como em tudo, é óbvio que sim, não fossem as generalizações tão injustas, quanto imprecisas. Todavia, predomina a urgência de satisfazer o próximo interesse

que tem de ser acolhido e o instinto que obriga a viver no presente. A isso chama-se sobrevivência e é bastante primário. Soarei demasiado pessimista? Pelo contrário. O único espaço que interessa mantém-se sempre vago e à espera de ser ocupado: o futuro. E ele, por muito distante ou incerto que possa parecer, só se deixa tomar por ideias. Quer-me parecer que esse é o cerne de qualquer ato político. Ou não fosse a política, especialmente a partidária, essencialmente, aspiração e promessa. Futuro, portanto. O futuro aguarda por nós, já em 2025. Aproveitemos, sem nos limitarmos à sobrevivência ou a pedir a atenção de seguidores. Os Açores precisam mais do que isso. Muito mais.

(*) Investigador Auxiliar
Cis-Iscte